

Reza Aslan

O Zelota

A Vida e o Tempo de Jesus de Nazaré

Tradução de Freitas e Silva

*Para a minha mulher, Jessica Jackley, e todo o clã
Jackley, cujo amor e aceitação me ensinaram mais
acerca de Jesus do que todos os meus anos de
investigação e estudo.*

Não penseis que vim trazer paz à Terra.
Não vim trazer paz, mas a espada.

MATEUS 10:34

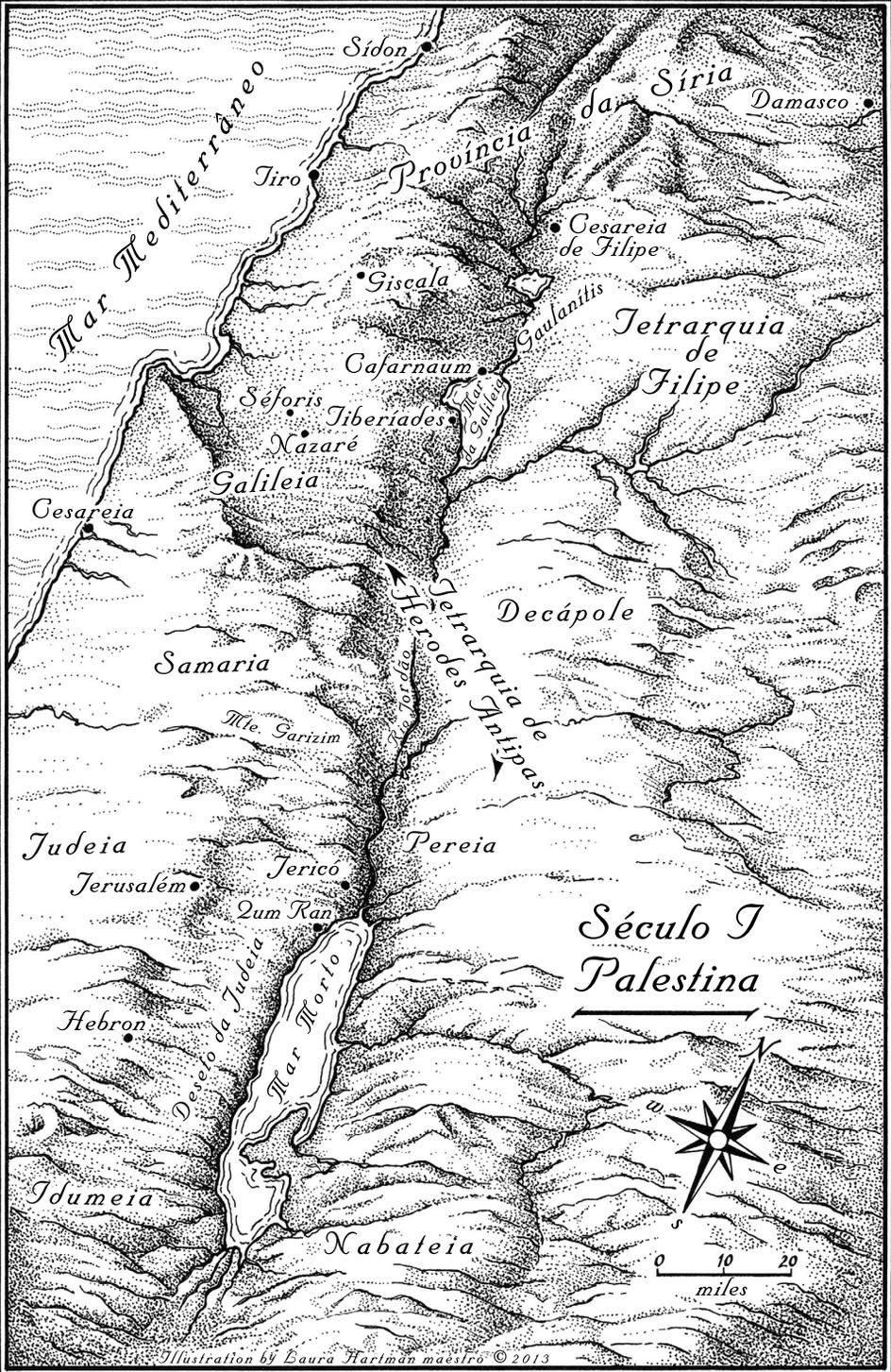
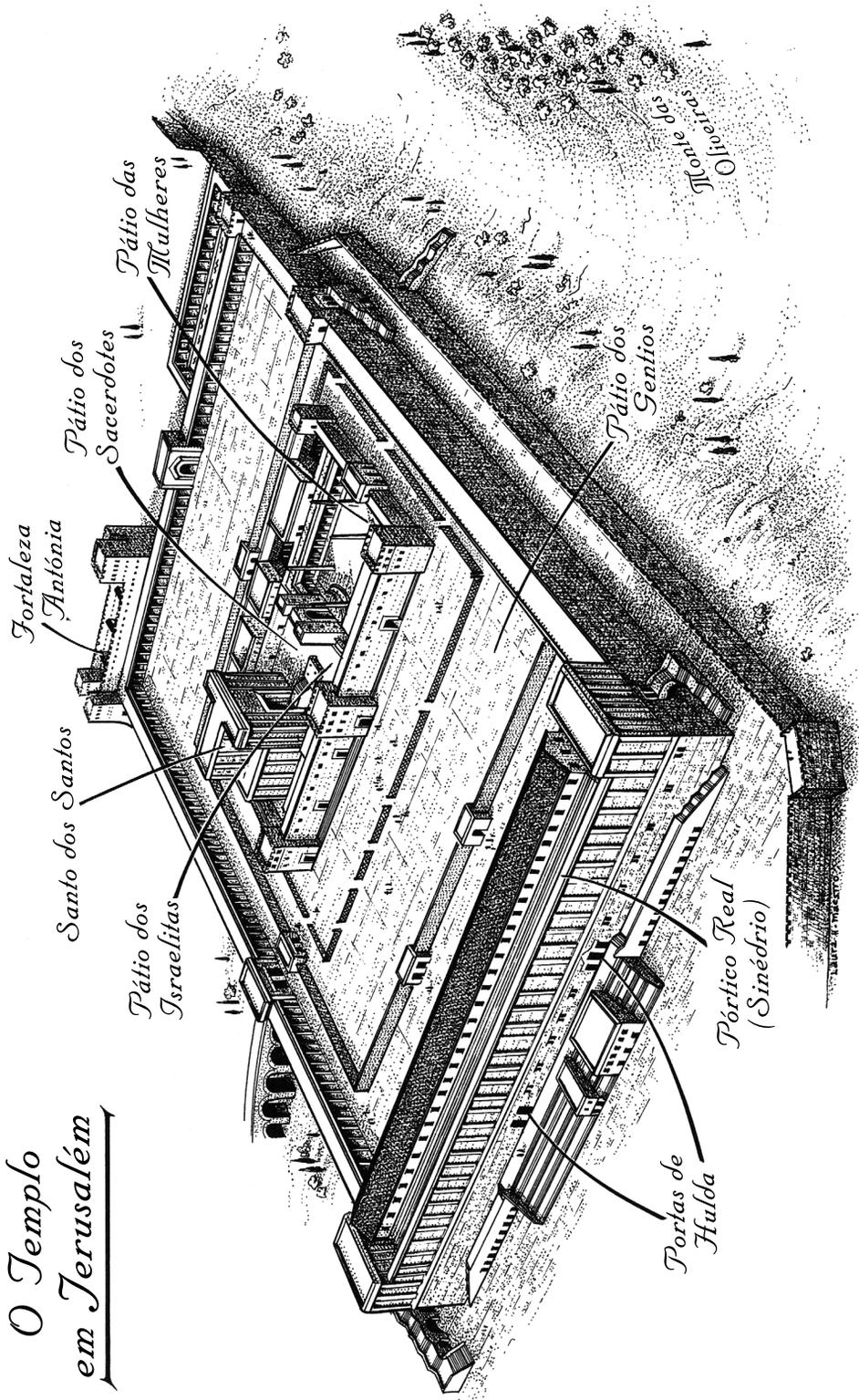


Illustration by Laura Hartman maestro © 2013

O Templo em Jerusalém



Nota do Autor

QUANDO TINHA QUINZE ANOS, DESCOBRI JESUS.

Passei o verão do meu segundo ano do ensino secundário num campo de juventude evangélico na Califórnia do Norte, sítio de campos arborizados e céus azuis a perder de vista, onde, com tempo e quietude suficientes e encorajamento afável, não se podia deixar de ouvir a voz de Deus. No meio de lagos artificiais e de pinheiros majestosos, eu e os meus amigos cantávamos canções, brincávamos e trocávamos segredos, usufruindo da nossa liberdade das pressões de casa e da escola. Ao anoitecer, reuníamo-nos à volta duma fogueira no centro do acampamento. Foi aí que ouvi uma história notável que havia de mudar a minha vida para sempre.

Há dois mil anos, disseram-me, numa terra antiga chamada Galileia, nasceu o Deus do céu e da terra na forma de uma criança indefesa. A criança cresceu e tornou-se um homem irrepreensível. O homem tornou-se Cristo, o salvador da humanidade. Através das suas palavras e de atos miraculosos, desafiou os Judeus, que pensavam ser os eleitos de Deus, e, em troca, os Judeus pregaram-no numa cruz. Embora se pudesse ter salvado daquela morte pavorosa, escolheu livremente morrer. A sua morte foi o ponto fulcral, pois o seu sacrifício libertou-nos a todos do fardo dos nossos pecados.

Mas a história não acabou aí, porque três dias depois ele voltou a erguer-se, sublime e divino, de modo que agora os que acreditam nele e o aceitam no seu coração também nunca morrerão, mas terão vida eterna.

Para um miúdo criado numa família heterogénea de muçulmanos indiferentes e ateus exuberantes, esta foi verdadeiramente a maior história que ele jamais ouviu. Nunca até então eu sentira tão intimamente a atração de Deus. No Irão, local do meu nascimento, era muçulmano mais ou menos na mesma medida em que era persa. A minha religião e a minha etnicidade eram mútuas e estavam ligadas. Tal como a maioria das pessoas nascidas numa tradição religiosa, a minha fé era-me tão familiar como a pele, e igualmente indiferente. Depois de a revolução iraniana ter obrigado a minha família a fugir de casa, a religião em geral e o islão em particular tornaram-se tabu no nosso seio. Islão era o símbolo de tudo o que tínhamos perdido para os mulás que governavam agora o Irão. A minha mãe ainda rezava quando ninguém estava a olhar e ainda se encontravam um ou dois Alcorões perdidos, escondidos num armário ou numa gaveta algures, mas, na sua maioria, a nossa vida estava lavada de todo o vestígio de Deus.

Para mim, era ótimo. Afinal, na América da década de 1980, ser muçulmano era como ser de Marte. A minha fé era uma chaga, o símbolo mais óbvio da minha diversidade; precisava de ser escondida.

Jesus, por outro lado, *era* a América. Era a figura central do drama nacional da América. Aceitá-lo no meu coração era o mais próximo que eu podia chegar de me sentir verdadeiramente americano. Não quero dizer com isto que a minha conversão fosse uma conversão de conveniência. Pelo contrário: imolei-me com absoluta devoção à minha nova fé. Fui presenteado com um Jesus que era menos «Senhor e Salvador» do que um grande amigo, alguém com quem podia ter

uma relação profunda e pessoal. Como adolescente a tentar que fizesse sentido um mundo indefinido de que acabava de tomar consciência, aquele era um convite que eu não podia recusar.

Quando regresssei do acampamento, comecei a partilhar entusiasticamente as boas notícias de Jesus Cristo com os meus amigos e família, com os meus vizinhos e colegas de turma, com pessoas que acabava de conhecer e com estranhos, na rua: os que as ouviam com alegria e aqueles que mas atiravam à cara. Aconteceu, todavia, uma coisa inesperada na minha busca de salvar as almas do mundo. Quanto mais aprofundava a Bíblia para me armar contra as dúvidas dos não crentes, mais distância descobria entre o Jesus dos evangelhos e o Jesus da história — entre Jesus, o Cristo e Jesus de Nazaré. Na faculdade, onde iniciei os meus estudos oficiais de história das religiões, esse desconforto inicial de pressão se transformou na minha dúvida total.

A base do cristianismo evangélico, pelo menos como me foi ensinado, é a crença incondicional de que todas as palavras da Bíblia são emitidas por Deus e verdadeiras, literais e isentas de erro. A súbita compreensão de que essa crença é patente e irrefutavelmente falsa, de que a Bíblia está repleta dos erros e contradições mais flagrantes e óbvios — como seria de esperar dum documento escrito por centenas de mãos ao longo de milhares de anos — deixou-me confuso e espiritualmente à deriva. E assim, como muitas pessoas na minha situação, descartei, zangado, a minha fé como se fosse uma falsificação cara com que, ao comprá-la, tinha sido levado ao engano. Comecei a repensar a fé e a cultura dos meus antepassados, encontrando nelas, enquanto adulto, uma familiaridade mais profunda e mais íntima do que a que jamais encontrara em criança, do tipo da que resulta de voltarmos a dar-nos com um velho amigo depois de muitos anos afastados.

Entretanto, continuei o meu trabalho académico em estudos religiosos, voltando a aprofundar a Bíblia, não como um crente incondicional mas como um académico inquiridor. Já sem estar preso ao pressuposto de que as histórias que li eram literalmente verdadeiras, tomei consciência duma verdade mais significativa no texto, duma verdade intencionalmente desligada das exigências da história. Ironicamente, quanto mais aprendia acerca da vida do Jesus histórico, do mundo turbulento em que viveu e da brutalidade da ocupação romana que desafiou, mais era atraído por ele. Na verdade, o camponês e revolucionário judeu, que desafiou o regime do mais poderoso império que o mundo jamais conhecera e saiu derrotado, tornou-se muito mais real para mim do que o ser distante e etéreo que me fora apresentado na igreja.

Hoje, posso dizer com confiança que duas décadas de rigorosa investigação académica das origens do cristianismo me tornaram um discípulo mais genuinamente empenhado de Jesus de Nazaré do que jamais fui de Jesus Cristo. A minha esperança com este livro é espalhar as boas notícias do Jesus da história com o mesmo fervor que outrora pus em espalhar a história do Cristo.

Há algumas coisas a ter em mente antes de iniciarmos o nosso exame. Por cada argumento bem atestado, profundamente investigado e eminentemente abalizado acerca do Jesus histórico, há um argumento igualmente bem atestado, igualmente investigado e igualmente abalizado que se lhe opõe. Em vez de sobrecarregar o leitor com o debate de séculos acerca da vida e da missão de Jesus de Nazaré, construí a minha narrativa assente no que considero ser o argumento mais exato e razoável, com base nas minhas duas décadas de investigação académica sobre o Novo Testamento e o início da

história do cristianismo. Para os que se interessarem pelo debate, pormenorizei exaustivamente a minha investigação e, sempre que possível, apresentei os argumentos dos que discordam da minha interpretação na desenvolvida secção de notas no fim deste livro.

Todas as traduções de grego do Novo Testamento são minhas (com uma pequena ajuda dos meus amigos Liddell e Scott). Nos poucos casos em que não traduzo diretamente uma passagem do Novo Testamento, confio na tradução fornecida pela Nova Versão Padrão Revista da Bíblia. Todas as traduções de hebraico e aramaico foram fornecidas pelo Dr. Ian C. Werrett, professor associado de estudos religiosos da Universidade de St. Martin.

Ao longo do texto, todas as referências ao material da fonte *Q* (material exclusivo dos evangelhos de Mateus e Lucas) serão assim assinaladas: (Mateus | Lucas), de acordo com a ordem dos livros, indicando qual dos evangelhos estou a citar mais diretamente. O leitor notará que me baseio principalmente no evangelho de Marcos e no material *Q* para delinear a minha história de Jesus. Isto porque são essas as primeiras e, assim, as mais fiáveis fontes disponíveis acerca da vida do Nazareno. Em geral, optei por não aprofundar demasiado os chamados Evangelhos Gnósticos. Embora sejam incrivelmente importantes para delinear a vasta gama de opiniões da comunidade cristã primitiva acerca de quem era Jesus e do que os seus ensinamentos significavam, esses textos não lançam muita luz sobre o Jesus histórico.

Se bem que haja acordo quase unânime quanto aos evangelhos não terem sido escritos pelas pessoas que lhes deram o nome, com exceção dos Atos de Lucas, por uma questão de facilidade e de clareza, continuarei a referir-me aos autores dos evangelhos com os nomes pelos quais atualmente os conhecemos e reconhecemos.

Finalmente, respeitando as designações eruditas, este texto emprega E.C. ou Era Comum, em vez de d.C. na datação, e A.E.C. em vez de a.C. Também se refere com mais propriedade ao Velho Testamento como Bíblia Hebraica ou Escrituras Hebraicas.

Introdução

É UM MILAGRE SABERMOS ALGUMA COISA acerca do homem chamado Jesus de Nazaré. O pregador itinerante que andava de aldeia em aldeia a clamar acerca do fim do mundo, com um bando de seguidores andrajosos a arrastar-se atrás dele, era uma visão vulgar no tempo de Jesus — tão vulgar, de facto, que se tinha tornado uma espécie de caricatura entre a elite romana. Num trecho burlesco acerca dessa figura, o filósofo grego Celso imagina um santo judeu a percorrer as zonas rurais da Galileia, gritando para ninguém em particular: «Eu sou Deus, ou o servo de Deus, ou um espírito divino. Mas venho porque o mundo já está nos estertores da destruição. E em breve ver-me-ão chegar com o poder do céu.»

O século I foi uma era de expectativa apocalíptica entre os Judeus da Palestina, designação romana da vasta extensão de terra que englobava Israel/Palestina dos dias de hoje, assim como grandes partes da Jordânia, Síria e Líbano. Inúmeros profetas, pregadores e messias erravam pela Terra Santa a transmitirem mensagens sobre o juízo iminente de Deus. Sabemos o nome de muitos desses chamados falsos messias. Alguns até são mencionados no Novo Testamento. O profeta Teúdas, segundo o livro dos Atos, tinha quatrocentos discípulos antes de Roma o ter capturado e lhe ter cortado a cabeça.

Uma figura carismática misteriosa conhecida apenas como «o Egípcio» reuniu um exército de seguidores no deserto, quase todos massacrados por tropas romanas. Em 4 A.E.C., o ano em que a maioria dos estudiosos acredita que Jesus de Nazaré nasceu, um pastor pobre chamado Atronges pôs um diadema na cabeça e coroou-se a si mesmo «Rei dos Judeus»; ele e os seus seguidores foram brutalmente mortos por uma legião de soldados. Outro aspirante messiânico, chamado simplesmente «o Samaritano», foi crucificado por Pôncio Pilatos ainda que não tivesse reunido qualquer exército nem desafiado Roma, fosse de que modo fosse — indício de que as autoridades, sentindo no ar a febre apocalíptica, se tinham tornado extremamente sensíveis a qualquer sinal de sedição. Havia Ezequias, o chefe dos bandidos, Simão de Pereira, Judas, o *Galileu*, o seu neto Menaem, Simão filho de Giora, e Simão filho de Kokba — que declararam, todos, ambições messiânicas e que foram todos mortos por Roma em virtude disso. Junte-se a esta lista a seita dos Essênios, alguns de cujos membros viviam em reclusão no cimo do seco planalto de Qumran, na costa noroeste do mar Morto; o grupo revolucionário judaico do século I conhecido como Zelotas que ajudou a lançar uma guerra sangrenta contra Roma; e os temíveis assassinos-bandidos que os Romanos apelidaram de Sicários (os Homens da Adaga), e a imagem que emerge da Palestina do século I é dum tempo carregado de energia messiânica.

É difícil incluir diretamente Jesus de Nazaré em qualquer dos movimentos político-religiosos conhecidos do seu tempo. Era um homem de profundas contradições, um dia a pregar a mensagem da exclusão racial («Fui enviado unicamente às ovelhas perdidas de Israel»; Mateus 15:24), a seguir, a do universalismo benévolo («Ide e fazei discípulos de todas as nações»; Mateus 28:19); umas vezes a pedir a paz

incondicional («Abençoados os pacificadores porque a eles se chamará filhos de Deus»; Mateus 5:9), outras vezes a promover a violência e o conflito («Se não tiverdes uma espada, ide vender a vossa túnica e comprai uma»; Lucas, 22:36).

O problema de reconhecer com perfeição o Jesus histórico é que, fora do Novo Testamento, quase não há vestígios do homem que havia de alterar de forma tão permanente o curso da história humana. A mais antiga e mais digna de confiança referência não bíblica a Jesus vem do historiador judeu do século I Flávio Josefo (f. 100 E.C.). Num breve trecho sem ênfase das *Antiguidades Judaicas*, Josefo fala num perverso sumo sacerdote judeu chamado Anás que, depois da morte do governador romano Festo, condenou ilegalmente um certo «Tiago, o irmão de Jesus, aquele a quem chamam messias», a apedrejamento por transgressão da lei. Mais ainda, esse trecho relata o que aconteceu a Anás depois de chegar a Jerusalém o novo governador, Albino.

Por fugaz e desdenhosa que possa ser (a frase «aquele a quem chamam messias» pretende claramente exprimir escárnio), esta alusão contém enorme significado para quem procura qualquer sinal do Jesus histórico. Numa sociedade sem apelidos, um nome vulgar como Tiago exigia uma designação específica — um local de nascimento ou um nome do pai — para o distinguir de todos os outros homens chamados Tiago que erravam pela Palestina (donde, Jesus *de Nazaré*). Neste caso, o apelido de Tiago era fornecido pela sua ligação fraternal a alguém que Josefo presume que fosse familiar aos seus leitores. Este trecho prova não só que «Jesus, aquele a quem chamam messias», provavelmente existiu mas também que no ano de 84 E.C., quando as *Antiguidades* foram escritas, ele era amplamente reconhecido como fundador dum novo e duradouro movimento.

É esse movimento, e não o seu fundador, que recebe a atenção de historiadores do século II, como Tácito (f. 118)

e Plínio, o *Jovem* (f. 113), que mencionam ambos Jesus de Nazaré mas revelam pouco acerca dele, salvo em relação à sua prisão e execução — uma nota histórica importante, como veremos, mas que lança pouca luz sobre os pormenores da vida de Jesus. Resta-nos, por isso, a informação que pudermos retirar do Novo Testamento.

O primeiro testemunho escrito que temos acerca de Jesus de Nazaré vem das epístolas de Paulo, um dos primeiros seguidores de Jesus, que morreu por volta de 66 E.C. (a primeira epístola de Paulo, I Tessalonicenses, pode ser datada de entre 48 e 50 E.C., cerca de duas décadas depois da morte de Jesus.) O problema de Paulo, porém, é que mostra uma extraordinária falta de interesse pelo Jesus histórico. Apenas três cenas da vida de Jesus são mencionadas nas suas epístolas: a Última Ceia (1 Coríntios 11:23-26), a crucificação (1 Coríntios 2:2) e, a mais importante para Paulo, a ressurreição, sem a qual, afirma ele, «a nossa oração é inútil e a vossa fé é em vão» (1 Coríntios 15:14). Paulo pode ser uma fonte excelente para quem estiver interessado na formação primitiva do cristianismo, mas é um mau guia para se descobrir o Jesus histórico.

Restam-nos os evangelhos, que apresentam um conjunto próprio de problemas. Para começar, com a possível exceção do de Lucas, nenhum dos evangelhos que temos foi escrito pela pessoa que lhe deu o nome. Na realidade, isto é verdadeiro para a maioria dos livros do Novo Testamento. Tais obras, chamadas *pseudepígrafas* ou obras atribuídas a um autor específico mas não escritas por ele, eram extremamente vulgares no mundo antigo e não se devem considerar, de modo nenhum, falsificações. Dar a um livro o nome duma pessoa era um modo normal de refletir as crenças dessa pessoa ou de representar a sua escola de pensamento. Independentemente disso, os evangelhos não são, nem nunca

pretenderam ser, documentos históricos da vida de Jesus. Não são relatos testemunhais das palavras e dos atos de Jesus registados por pessoas que o conheceram. São testemunhos de fé compostos por comunidades de fé e escritos muitos anos depois dos acontecimentos que descrevem. Em termos simples, os evangelhos falam-nos de Jesus, o Cristo, e não de Jesus, o homem.

A teoria mais geralmente aceite sobre a formação dos evangelhos, a «Teoria das Duas Fontes», sustenta que o relato de Marcos foi escrito algures depois de 70 E.C., cerca de quatro décadas após a morte de Jesus. Marcos tinha à sua disposição uma coleção de tradições orais e talvez um punhado de tradições escritas que lhe foram sendo passadas ao longo de anos pelos primeiros seguidores de Jesus. Juntando uma narrativa cronológica a esse amontoado de tradições, Marcos criou um género literário completamente novo chamado *evangelho* que em grego significa «boas notícias». Todavia, para muitos cristãos, o evangelho de Marcos é pequeno e algo insatisfatório. Não há narrativa da infância; Jesus chega simplesmente um dia às margens do rio Jordão para ser baptizado por João Baptista. Não há manifestações da ressurreição. Jesus é crucificado. O seu corpo é colocado numa sepultura. Uns dias mais tarde, a sepultura está vazia. Mesmo os primeiros cristãos ficaram insatisfeitos com a descrição abreviada da vida e do ministério de Jesus por Marcos, pelo que ficou à responsabilidade dos sucessores de Marcos, Mateus e Lucas, desenvolver o texto original.

Duas décadas depois de Marcos, entre 90 e 100 E.C., os autores de Mateus e Lucas, trabalhando independentemente uns dos outros e com o manuscrito de Marcos como modelo, atualizaram a história do evangelho, juntando-lhe as suas próprias tradições exclusivas, incluindo duas narrativas diferentes e contraditórias da infância, bem como uma série de

complicadas histórias da ressurreição para satisfazerem os seus leitores cristãos. Mateus e Lucas também se terão baseado no que deve ter sido uma primeira coletânea muito bem distribuída de palavras de Jesus que os estudiosos designaram como *Q* (inicial da palavra alemã *Quelle*, ou «fonte»). Embora já não tenhamos nenhum exemplar físico desse documento, podemos inferir o seu conteúdo, compilando os versículos que Mateus e Lucas partilham mas que não aparecem em Marcos.

No seu conjunto, estes três evangelhos — Marcos, Mateus e Lucas — tornaram-se conhecidos como *Sinópticos* (em grego, «vistos juntos»), porque apresentam uma narrativa e uma cronologia mais ou menos comuns acerca da vida e do ministério de Jesus que estão em grande medida em contradição com o quarto evangelho, João, que provavelmente foi escrito pouco depois do fim do século I, entre 100 e 120 E.C.

São, portanto, estes os evangelhos canónicos, mas não são os únicos evangelhos. Hoje temos acesso a toda uma biblioteca de escrituras não canónicas redigidas principalmente nos séculos II e III que dão uma perspetiva muito diferente da vida de Jesus de Nazaré. Nelas se incluem o Evangelho de Tomé, o Evangelho de Filipe, o Livro Secreto de João, o Evangelho de Maria Madalena e uma quantidade dos chamados textos gnósticos descobertos no Alto Egito, perto da localidade de Nag Hammadi, em 1945. Embora tenham sido deixados de fora daquilo que acabaria por se tornar o Novo Testamento, esses livros são significativos na medida em que demonstram a incrível divergência de opinião que existia quanto a quem era Jesus e ao que Jesus significava, mesmo entre os que afirmavam ter caminhado com ele, que partilharam o seu pão e comeram com ele, que ouviram as suas palavras e rezaram com ele.

No fim, há apenas dois factos históricos sólidos acerca de Jesus de Nazaré em que podemos ter confiança: o primeiro é que Jesus foi um judeu que liderou um movimento popular judaico na Palestina no início do século I E.C.; o segundo é que Roma o crucificou por o fazer. Por si sós, estes factos não conseguem dar-nos um retrato completo da vida dum homem que viveu há dois mil anos, mas, quando conjugados com tudo o que sabemos acerca da era tumultuosa em que Jesus viveu — e, graças aos Romanos, sabemos muita coisa —, esses dois factos podem ajudar a pintar uma imagem de Jesus de Nazaré que seja historicamente mais exata do que a que é pintada pelos evangelhos. Na verdade, o Jesus que emerge do seu exercício histórico — um zeloso revolucionário envolvido, como todos os judeus da altura, na agitação religiosa e política da Palestina do século I — tem poucas semelhanças com a imagem do pastor pacífico cultivada pela comunidade cristã primitiva.

Pense no seguinte: a crucificação era um castigo que Roma reservava quase exclusivamente para o crime de sedição. A placa que os Romanos colocaram por cima da cabeça de Jesus enquanto ele se contorcia com dores — «Rei dos Judeus» — chamava-se *titulus* e, apesar da perceção comum, não tinha intenção sarcástica. Todos os criminosos pendurados numa cruz recebiam uma placa que descrevia o crime específico pelo qual estavam a ser executados. O crime de Jesus, aos olhos de Roma, foi lutar pelo poder real (*i.e.*, traição), o mesmo crime pelo qual quase todos os aspirantes messiânicos do tempo foram mortos. E Jesus não morreu sozinho. Os evangelhos afirmam que de cada lado de Jesus estavam pendurados homens que em grego se chamam *lestai*, palavra muitas vezes traduzida por «ladrões» mas que, na realidade, significa «bandidos» e esta era a designação romana mais vulgar para um insurreto ou um rebelde.

Três rebeldes no cimo dum monte coberto de cruces, cada uma delas com o corpo torturado e ensanguentado dum homem que ousara desafiar a vontade de Roma. Só essa imagem devia lançar dúvidas sobre o retrato evangélico de Jesus como homem de paz incondicional, quase totalmente isolado das sublevações políticas do seu tempo. A noção de que o líder dum movimento popular messiânico que exigia a imposição do «Reino de Deus» — expressão que teria sido entendida tanto pelos Judeus como pelos gentílicos como implicando a revolta contra Roma — podia ter-se mantido sem se envolver no fervor revolucionário que se apoderara de quase todos os judeus da Judeia é simplesmente ridícula.

Porque é que os autores dos evangelhos se esforçam tanto por moderar a natureza revolucionária da mensagem e do movimento de Jesus? Para responder a esta questão temos, primeiro, de reconhecer que quase todas as histórias evangélicas escritas acerca da vida e da missão de Jesus de Nazaré foram compostas *depois* da rebelião judaica contra Roma, em 66 E.C. Nesse ano, um grupo de rebeldes judeus, estimulados pelo seu zelo por Deus, levantaram os seus semelhantes judeus em revolta. Miraculosamente, os rebeldes conseguiram libertar a Terra Santa da ocupação romana. Durante quatro gloriosos anos, a cidade de Deus estava mais uma vez sob controlo judaico. Depois, em 70 E.C., os Romanos voltaram. Após um breve cerco de Jerusalém, os soldados abriram brechas nas muralhas da cidade e desencadearam uma orgia de violência sobre os residentes. Esquartejaram quem encontraram pelo caminho, amontoando cadáveres no Monte do Templo. Um rio de sangue corria pelas ruas de pedra. Quando terminou o massacre, os soldados deitaram fogo ao Templo de Deus. Os incêndios alastraram para lá do Monte do Templo, engolindo os prados, as quintas e as oliveiras de Jerusalém. Tudo ardeu. Foi tão completa a devastação que atingiu a Cidade Santa que Josefo escreve que não

ficou nada para provar que Jerusalém tivesse alguma vez sido habitada. Foram chacinados dez mil judeus. O resto saiu acorrentado da cidade.

O trauma espiritual que os Judeus enfrentaram depois desse acontecimento catastrófico é difícil de imaginar. Exilados da terra que lhes fora prometida por Deus, obrigados a viver como proscritos entre os pagãos do Império Romano, os rabinos do século II divorciaram gradual e deliberadamente o judaísmo do nacionalismo radical messiânico que lançara a malfadada guerra com Roma. A Torá substituiu o Templo no centro da vida judaica e emergiu o judaísmo rabínico.

Os cristãos também sentiram a necessidade de se distanciarem do zelo revolucionário que levava ao saque de Jerusalém, não só porque isso permitia à igreja primitiva evitar a ira duma Roma profundamente vingativa, mas também porque, com a exclusão social da religião judaica, os Romanos haviam-se transformado no alvo principal do evangelismo da igreja. Assim começou o longo processo de transformação de Jesus de nacionalista judeu revolucionário num líder espiritual pacífico sem interesse numa questão terrena. Esse era um Jesus que os Romanos podiam aceitar, e que de facto aceitaram três séculos mais tarde, quando o imperador romano Flávio Teodósio (f. 395) tornou o movimento do pregador judeu itinerante religião oficial do Estado, e nasceu aquilo que hoje reconhecemos como cristianismo ortodoxo.

Este livro é uma tentativa de recuperar, tanto quanto possível, o Jesus da história, o Jesus *antes* do cristianismo: o revolucionário judeu politicamente consciente que, há dois mil anos, atravessou a província da Galileia, reunindo apoiantes para um movimento messiânico com o objetivo de estabelecer o reino de Deus, mas cuja missão falhou quando,

após uma entrada provocatória em Jerusalém e um ataque descarado ao Templo, foi preso e executado por Roma pelo crime de sedição. Também trata do modo como, depois do fracasso de Jesus em estabelecer o reino de Deus na Terra, os seus seguidores reinterpretaram não só a missão e a identidade de Jesus mas também a própria natureza e definição do messias judeu.

Há quem considere essa empresa uma perda de tempo, crendo que o Jesus da história está irrevogavelmente perdido e não pode ser recuperado. Passaram há muito os tempos inebriantes da «busca do Jesus histórico», em que os acadêmicos proclamavam de modo confiante que as ferramentas científicas modernas e a investigação histórica nos permitiriam descobrir a verdadeira identidade de Jesus. O *verdadeiro* Jesus já não importa, defendem esses acadêmicos. Em vez disso, devíamos concentrar-nos no único Jesus que nos é acessível: Jesus, o *Cristo*.

Concordo que escrever uma biografia de Jesus de Nazaré não é a mesma coisa que escrever uma biografia de Napoleão Bonaparte. É uma tarefa de certo modo parecida com montar um grande quebra-cabeças apenas com algumas das peças na mão; não se tem outra opção que não seja preencher o resto do quebra-cabeças com base na melhor e mais informada conjetura de como deve ser a imagem completa. O grande teólogo cristão Rudolf Buttmann gostava de dizer que a busca do Jesus histórico é em última análise uma busca interior. Os acadêmicos tendem a ver o Jesus que querem ver. É muito frequente verem-se *a si mesmos* — o reflexo de si próprios — na imagem de Jesus que construíram.

Todavia, essa melhor e mais informada conjetura pode ser suficiente para, no mínimo dos mínimos, questionar as nossas suposições mais básicas acerca de Jesus de Nazaré. Se sujeitarmos as afirmações dos evangelhos ao calor da análise

histórica, podemos expurgar as escrituras dos seus floreios literários e teológicos, e forjar uma imagem muito mais exata do Jesus da história. Na verdade, se nos empenharmos em colocar Jesus firmemente dentro do contexto social, religioso e político da época em que viveu — uma época marcada pela combustão lenta dum revolta contra Roma que havia de transformar para sempre a fé e a prática do judaísmo —, então, dalgum modo, a sua biografia escreve-se a si mesma.

O Jesus que entretanto é descoberto pode não ser o Jesus que esperamos; certamente não será o Jesus que a maioria dos cristãos modernos reconheceria. Mas, no fim, é o único Jesus a que podemos aceder por meios históricos.

Tudo o resto é uma questão de fé.